



APRESENTAÇÃO

O dossiê “Terra – Pão – Paz: Teologia Ecofeminista e Justiça Socioambiental” desta edição da revista foi inspirado pelas reflexões suscitadas pelo IX Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, realizado de 26 a 29 de agosto 2025 na Faculdades EST. O dossiê se inscreve no campo crítico dos estudos feministas, ecofeministas, teológicos e decoloniais latino-americanos.

De dois em dois anos, na cidade de São Leopoldo /RS, o Morro do Espelho é ocupado pela presença de corpos plurais que chegam dos mais diversos territórios. Do alto da colina, em um pedaço do Pampa gaúcho, como altaneira Araucária de copa aberta, o campus da faculdade acolhe corações desejosos por partilhas de conhecimento, café e um bom chimarrão. Por dias, o chão da Faculdades EST anima cirandas e rodas repletas de registros de histórias de vida, experimentadas e coletadas nos mais diferentes espaços da sociedade na luta por justiça de gênero. São histórias enraizadas de conhecimentos profundos, experiências e espiritualidades que relacionam anseios por justiça e vida plena.

Ao tomar a terra como lugar teológico, político e existencial, este dossiê reafirma a centralidade das discussões sobre a interdependência entre a violência exercida contra a natureza e aquela dirigida aos corpos, especialmente os corpos das mulheres, das populações negras, indígenas, camponesas e de comunidades tradicionais. Nesse horizonte, a teologia ecofeminista e os estudos de gênero oferecem importantes ferramentas hermenêuticas para compreender como patriarcado, colonialidade, racismo e capitalismo operam conjuntamente na produção das injustiças socioambientais.

A realização da COP30 em Belém do Pará amplia ainda mais a urgência deste debate, reposicionando a Amazônia como território central para as disputas em torno do clima, da vida e do futuro planetário.

É nesse contexto que os artigos reunidos neste número constroem um mosaico interdisciplinar de reflexões que articulam teologia, ética, espiritualidades, pensamento social, políticas públicas, justiça climática e epistemologias do Sul.

Abrindo o **dossiê**, Karla Steilmann, com artigo “Los panes que Sara amasó: un análisis del rol de la figura de Sara en Génesis 18:1-15”, recentra a figura de Sara na narrativa de Gênesis. A autora evidencia a transversalidade da presença da matriarca, rompendo com leituras tradicionais que a reduziram ao lugar da incredulidade, destacando sua relevância no ciclo da promessa.

Na sequência, Neusa Schnorrenberger, em “Mulherismo Africana e Matrigestão: legitimando a existência negra e a promoção de resistência com aproximações ecofeministas”, articula mulherismo africana, matrigestão e ecofeminismo como ferramentas teórico-práticas para a afirmação da vida negra. O artigo oferece uma crítica contundente à colonialidade do gênero e propõe uma ética do cuidado enraizada na ancestralidade, na reciprocidade e na soberania do povo negro.

Em “Revista Con-spirando: apontamentos sobre ética e espiritualidades ecofeministas na América Latina”, Tânia Regina Zimmermann e Márcia Maria de Medeiros recuperam contribuições ecofeministas latino-americanas publicadas na histórica *Con-spirando*, destacando a articulação entre ética, espiritualidade, solidariedade e resistência ecoterritorial como fundamentos para a justiça socioambiental.

A Amazônia ocupa lugar central no artigo “Dos corpos à Amazônia: ecofeminismo e o anunciar de uma justiça climática a partir da articulação ‘Terra, Pão, Paz’ na Amazônia (COP30)”, de Thayane Cazallas do Nascimento Kingeski e Neusa Schnorrenberger, que analisam o ecofeminismo como mediação crítica para denunciar a violência extrativista e anunciar alternativas de cuidado, resistência e protagonismo comunitário.

A dimensão jurídico-política do debate é ressaltada em “Direitos das mulheres rurais e ecofeminismo: desafios para políticas públicas interseccionais no Brasil”, de Stéffani das Chagas Quintana, Marli Marlene Moraes da Costa e Nariel Diotto. O artigo evidencia como a ausência de políticas públicas interseccionais aprofunda a exclusão histórica das mulheres rurais, comprometendo a efetivação de direitos fundamentais.

No artigo “Entre a meta global e o chão da vida: corpo-território como chave hermenêutica para a justiça socioambiental no Relatório Luz 2025”, Letícia Rocha Santos e Mariana Kimura da Costa tensionam os limites da Agenda 2030 no Brasil a partir da categoria corpo-território, recolocando a centralidade do cuidado, da vida e dos territórios vulnerabilizados na discussão sobre justiça socioambiental.

O diálogo entre memória histórica, crítica à propriedade privada da terra e teologia emerge em “Possíveis aproximações entre a propriedade privada da terra no pensamento social de Carlos Duarte Costa e a Teologia Ecofeminista”, de João Carlos Zanella e Marcia Blasi, que aproxima o pensamento social de Duarte Costa das contribuições ecofeministas

contemporâneas, especialmente no que diz respeito à sacralidade da terra e à soberania alimentar.

Encerrando o dossiê, Carine Josiéle Wendland, em “Territórios, gênero e clima: caminhos para a justiça”, amplia a reflexão sobre crise climática e desigualdades, destacando o papel estratégico das mulheres na defesa dos territórios e na construção de respostas comunitárias resilientes orientadas pelo bem-viver.

Além do dossiê temático, este número da revista reúne **artigos diversos** que ampliam o debate sobre gênero, religião, corporeidades, saúde, raça, espiritualidades e hermenêuticas críticas, reafirmando o caráter interdisciplinar e plural da revista.

Abre esta seção o artigo “‘Vinho novo em odres novos’ (Lc 5,38): perspectivas teológicas para a emergência de masculinidades éticas”, de Sérgio Albuquerque Damião. Em seguida, Adailés Aguiar Lima e Elivaldo Serrão Custódio, apresentam “Da representatividade da mulher negra no Poder Judiciário, Ministério Público e OAB: um diálogo no estado do Amapá”.

A dimensão da saúde, da religiosidade popular e das memórias comparece em “Benzimentos em Portugal: memórias etnográficas sobre a saúde das mulheres”, de Natasha Martins. As questões raciais e de masculinidade seguem presentes em “O corpo do homem negro em processo de colonização e descolonização de sua masculinidade”, artigo de Gunter Bayerl Padilha.

Sobre o universo religioso conservador, contempla o artigo “Pentecostalismo conservador: discriminações, atitudes racistas e os obreiros que sustentam todo o sistema hierárquico garantindo os caudilhos no poder”, de Romualdo Monteiro dos Santos.

No campo dos estudos de religião e gênero, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França, em “As mulheres budistas dificilmente alcançam a libertação: obstáculos apresentados pela Tradição Theravāda”.

A seção se encerra com “Entre amizade, pactos e promessas: uma leitura hermenêutica queer das narrativas de Jônatas e Davi e de Rute e Noemi”, de Darlã de Alves e Daniel Luciano Gevehr.

Este número também acolhe **Relatos de Experiência** profundamente conectados ao tema. Carine Josiéle Wendland compartilha “COP da JE na COP30: juventudes, espiritualidade e justiça climática”, e Marli Brun, “Programa de Gênero e Religião na COP30”.

Na seção **Memórias**, em “Rosemary Radford Ruether – uma mulher que rompeu barreiras e abriu fronteiras”, Wanda Deifelt resgata a trajetória da teóloga Rosemary Radford Ruether, destacando a relevância histórica, teológica e política de uma das vozes mais influentes da teologia feminista e ecofeminista contemporânea, cuja obra permanece fundamental para os debates aqui propostos.



A seção **Resenhas** reúne a leitura crítica de Angela Trejo Haager sobre a obra “Teología Ecofeminista Latinoamericana”, de Marilú Rojas Salazar; a resenha “A Máquina do Caos - como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo” de Max Fisher, escrita por Renata Couto de Oliveira e a resenha do livro “El sueño de la tierra”, de Thomas Berry, enviada pela teóloga ecofeminista Mary Judith Ress, ampliando o horizonte temático deste número para os debates entre ecofeminismo, tecnologia e sociedade.

Ao articular dossiê, artigos diversos, relatos de experiência, memória e resenhas, este número reafirma o compromisso da *Revista Coisas do Gênero* com a produção e partilha de conhecimento crítico, interdisciplinar e socialmente implicado, fortalecendo debates que atravessam gênero, religião, justiça, territórios, espiritualidades e os desafios urgentes do nosso tempo.

Boa leitura e pesquisa!

Marcia Blasi

Carine Josiéle Wendland

Kezzia Cristina Jerônimo da Silva

(Comissão Organizadora).

São Leopoldo, v. 11, n. 2 (2025).